

Nelson Galeano (Baloi) e suas memórias sobre o I Festival Nacional do Choro “Brasileirinho” (1977)

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SIMPÓSIO TEMÁTICO: Choro no sentido lato (2ª edição)

Cibele Palopoli

Universidade de São Paulo – cibele.palopoli@gmail.com

Resumo. Nascido e criado no bairro da Lapa, na cidade de São Paulo, o violonista Nelson Galeano (n. 1938) é conhecido no meio dos chorões pelo apelido de Baloi e, aos oitenta e três anos de idade, continua atuante e estimulando jovens músicos. Apoiados em Bosi (1987) e Pollak (1992), nesta comunicação objetivamos, através de uma entrevista semiestruturada, analisar as memórias do músico acerca do I Festival Nacional do Choro “Brasileirinho”, ocorrido no teatro Bandeirantes, em São Paulo, em outubro de 1977. Como conclusões, observamos que Galeano guardou informações bastante vívidas e pouco distorcidas, revelando uma degradação senil atenuada pelo ofício musical, aliado a um salutar convívio com os mais jovens.

Palavras-chave. Memórias musicais. Choro. Chorinho. Festival Nacional do Choro. Nelson Galeano (Baloi).

Title. Nelson Galeano (Baloi) and his Memoirs About the 1st National Choro Festival “Brasileirinho” (1977)

Abstract. Born and raised in the neighborhood of Lapa, in the city of São Paulo, the guitarist Nelson Galeano (b. 1938) is known among the *chorões* by the nickname Baloi. At the age of eighty-three, he is still active and encouraging young musicians. Supported by Bosi (1987) and Pollak (1992), in this communication I aim to analyse through a semi-structured interview the musician’s memories about the 1st National Choro Festival “Brasileirinho”, which took place at the Bandeirantes theater in São Paulo in October 1977. As conclusions, I observe that Galeano kept very vivid and little distorted information, revealing a senile degradation attenuated by the musical profession, combined with a healthy interaction with the younger people.

Keywords. Musical Memoirs. Choro. Chorinho. National Choro Festival. Nelson Galeano (Baloi).

1. Introdução

Em corrente processo de registro enquanto Patrimônio Cultural do Brasil, o Choro pode ser entendido enquanto uma manifestação cultural “fortemente estabelecida e dotada de características próprias, sendo a roda de Choro seu principal polo agregador” (PALOPOLI, 2018, p. 55). Sua população produtora e consumidora se dava inicialmente por indivíduos de classe média e médio-baixa, em geral funcionários públicos da Alfândega, dos Correios e Telégrafos ou da Estrada de Ferro Central do Brasil, na sua maioria mulatos (PINTO, 1978 [1936]).

Nos primórdios do Choro era comum que apenas os instrumentistas de sopro possuíssem instrução musical formal, obtida em conservatórios e bandas, dominando assim a leitura de partituras. Assim, pode-se afirmar que a formação do Choro se alicerçou na

transmissão oral, em um processo de espontaneidade em que o que o aprendizado ocorria de maneira inconsciente e progressiva.

Décadas mais tarde, apesar de uma crescente acessibilidade ao ensino musical, tendo como consequência uma maior difusão do Choro através do uso de partituras, além da sistematização do seu ensino, continuamos a encontrar grandes artistas, sobretudo aqueles da dita “velha guarda”, que não são aptos a ler partituras. Estes músicos são oriundos de uma tradição fortemente oral, fomentada por vivências em rodas de Choro, e alimentados igualmente pela frequente e atenta escuta a fonogramas de grupos que se tornaram referências, sobretudo aqueles produzidos entre os anos 1930 e 1940, período conhecido por “época de ouro”, em que houve grande profissionalização dos músicos e forte disseminação de determinados repertórios através do rádio e do disco.

É neste contexto que está inserido Nelson Galeano. Nascido na cidade de São Paulo no dia 5 de abril de 1938, o violonista reside desde sempre no mesmo endereço, no bairro da Lapa.

Apesar da incontestável importância de Galeano no cenário do Choro paulistano, são poucas as referências bibliográficas a seu respeito. Mencionado algumas vezes na dissertação de mestrado *O Clube do Choro de São Paulo: arquivo e memória da música popular na década de 1970* (SOUSA, 2009), o músico possuía 71 anos de idade quando foi pioneiramente entrevistado pelo professor José de Almeida Amaral Júnior em 27 de maio de 2009, com transcrição presente no livro *Chorando na garoa: memórias musicais de São Paulo* (AMARAL JÚNIOR, 2013, p. 340-344). Galeano foi novamente entrevistado pelo mesmo autor em 21 de abril de 2017, com depoimento transcrito em *Conjunto Atlântico: uma história de amor ao Choro* (AMARAL JÚNIOR, 2017). Encontramos também um artigo a seu respeito no livro *Brasil toca Choro* (VALENTE, 2019, p. 28-29). Idealizador e líder da roda de Choro do Instituto Casa da Cidade desde 2014, Nelson Galeano foi amplamente citado em artigo a respeito de uma roda presenciada no local em julho de 2016 (ROSA, 2019)¹.

Galeano é amigo de longa data e grande incentivador de jovens músicos. Em *Memória e Sociedade: lembrança de velhos*, Ecléa Bosi afirma que: “Não basta a simpatia (sentimento fácil) pelo objeto da pesquisa, é preciso que nasça uma compreensão sedimentada no trabalho comum, na convivência, nas condições de vida muito semelhantes” (BOSI, 1987 [1973], p. 2). Assim, a partir de uma exigência da Profa. Ecléa Bosi (*in memoriam*) para a conclusão da disciplina de Pós-Graduação “Cultura e Memória Social: a história oral”,

oferecida pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP) em 2015, e tomando enquanto referencial teórico a memória (BOSI, 1987; POLLAK, 1992), procedemos a uma entrevista com o violonista, revelando as suas impressões acerca do *I Festival Nacional do Choro “Brasileirinho”*. Diante do gravador (Fig. 1), o músico repetiu as mesmas histórias já ouvidas por nós tantas outras vezes. O assunto certamente fluiu por já termos estabelecido previamente um vínculo de amizade e de confiança ².



Figura 1: Cibele Palopoli em entrevista com Baloi. São Paulo, 2 de novembro de 2015.

2. Nelson Galeano (Baloi)

Conhecido no meio dos chorões pelo apelido “Baloi”, Nelson Galeano atua profissionalmente enquanto tapeceiro e decorador, estando em atividade ainda nos dias de hoje, aos 83 anos de idade, mesmo diante da pandemia de Covid-19. A música sempre esteve presente em seu ambiente familiar e suas primeiras lembranças com o violão remontam aos seus oito anos de idade (VALENTE, 2019, p. 28). De acordo com o violonista,

Na música todo mundo me conhece por Baloi. E quando eu trabalho com decoração, essas coisas, é Nelson Galeano. Baloi é um apelido que já vem desde pequeno. Sabe, eu era gordinho. Então eles me chamavam de barrilete, barrilzinho. E no fim ficou Baloi até hoje, sabe? E eu sempre vivi no meio de músicos, a família inteira eram todos músicos, tocavam música sertaneja e tal e eu também entrei na música, né? Embora nunca vivi de música, mas sempre estive no meio da música (GALEANO, 2015, p. 2).

Baloi enquadra-se no típico perfil do músico chorão dos primórdios do Choro: proveniente da classe média, possui outra profissão para “sobreviver”, não cursou ensino superior e tampouco estudou música formalmente.

Nas décadas de 1950 e 1960 o violonista de sete cordas vivenciou as famosas rodas de Choro promovidas pelo também violonista Antônio D'Áurea ³, do Conjunto Atlântico. Na segunda metade da década de 1970, Baloi integrou o conjunto Chorões da Paulicéia, liderado por José Festa (trombone) e que tinha como outros integrantes Braguinha (cavaquinho), Ailton (violão tenor), Niquinho (violão) e Gentil (pandeiro). O grupo gravou em 1976 o disco “Festival de trombone” (Figura 2a) e apresentava-se frequentemente às segundas-feiras no Café Paris (Figura 2b) e às sextas-feiras no Bar dos arquitetos, locais estes reconhecidos enquanto pontos de encontro dos chorões paulistanos nas décadas de 1970 e 1980.



Figura 2a: Detalhe da capa de LP “Festival de trombone” (1976), de José Festa e Os Chorões da Paulicéia. Da esquerda para a direita estão os músicos Braguinha, Gentil, Festa, Ailton, Niquinho e Baloi. (Material cedido pelo entrevistado). **Figura 2b:** Notícia sobre Show do grupo Os Chorões da Paulicéia no Café Paris publicada no Jornal Folha de São Paulo de 1º de março de 1982 (FOLHA DE S. PAULO, 2021).

Com alguns integrantes em comum, quase na mesma época Baloi fundou o grupo Bachorando, juntamente com Wilsinho (bandolim), Niquinho (violão de seis cordas), Zé Schirpa (cavaquinho) e Mauro (pandeiro) ⁴:

[...] esse grupo era aquele que nós tocávamos no fundo do quintal. Chamava-se Bachorando porque um dia a Tia Amélia ⁵ veio fazer uma apresentação aqui em São Paulo no Clube dos Arquitetos, sabe? E aí o clube convidou a gente para tocar com ela lá [...], foi em setenta e cinco, setenta e seis, por aí... [...] O grupo não tinha nome. Eles nos convidaram e aí a gente foi tocar e estava cheio de repórter e tudo e quando fomos subir para tocar a música para ela, eles perguntaram o nome da música e o nome do conjunto. Aí o Wilson falou: “É Bachorando!”. E aí pegou o nome de Bachorando, né? (GALEANO, 2015, p. 5-6).

3. O “I Festival Nacional do Choro ‘Brasileirinho’” (1977)

Com cerca de trinta e nove anos de idade, Baloi presenciou um momento inédito na história do Choro: a aparição de festivais promovidos pela grande mídia, momento em que

esta manifestação cultural vivenciou grande apogeu desde o seu surgimento. Em São Paulo, o ano de 1977 foi marcado no mês de maio pela fundação do Clube do Choro e, em outubro, pela realização do *I Festival Nacional do Choro: Brasileirinho*, promovido pela Rede Bandeirantes. Em *Choro: do quintal ao municipal*, Herique Cazes enfatiza a grandiosidade deste festival:

É impressionante o espaço que este evento teve na mídia. Algo muitas vezes maior do que o maior espaço já ocupado pelo Choro até hoje. Se um compositor famoso se inscrevia, já era matéria. Todas as etapas do concurso foram exaustivamente divulgadas pela imprensa e tinha-se a impressão de que o Choro finalmente chegaria à terra prometida (CAZES, 2005 [1998], p. 159).

No antigo canal 13, o Festival do Choro foi transmitido às 22h das terças-feiras, dias 4, 11, 18 e 25 de outubro de 1977, antecedido na programação da emissora por “San Francisco Urgente” (21h) e sucedido por “Coluna 13” (00h). O Festival foi apresentado pelo radialista Fausto Canova (1930-2009) e teve, em seu show de encerramento, a participação de Chico Buarque e Francis Hime. Os prêmios atribuídos aos vencedores, em cruzeiros, foram: oitenta mil para o primeiro lugar, cinquenta mil para o segundo, quarenta mil para o terceiro, trinta mil para o quarto e vinte mil para o quinto ⁶ (VALENTE, 2014, p. 82). Segundo informações veiculadas pelo Jornal Folha de São Paulo em 27 de outubro de 1977, as quatro finais do Festival contaram com um público de dez milhões de telespectadores (FOLHA DE S. PAULO, 2021).

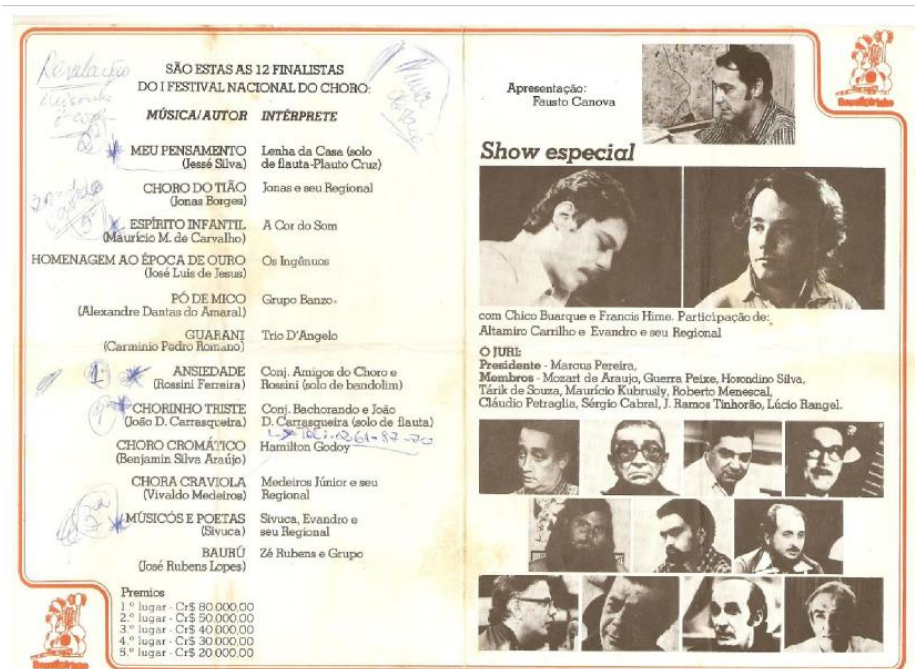
Com inscrições abertas entre 04 de julho a 20 de agosto de 1977, os membros do Clube do Choro de São Paulo foram convidados a participar. Freqüentador do Clube, Baloi testemunhou este momento histórico com grande empolgação:

O Clube do Choro começou a ser divulgado, então era televisão que fazia chamadas de Choro, que ia apresentar choros e tal, então o Choro levantou muito. Então a Bandeirantes se interessou em fazer o primeiro Festival Nacional de Choro e aí a menina lá da Bandeirantes trouxe [...] a inscrição e o regulamento também do festival, sabe? Aí todo mundo pegou, né? Cada um, todos os músicos que estavam lá, tinha um monte de músico, todo mundo pegou a inscrição, né? Todo mundo tinha choro. E ela deu um também na minha mão e eu falei: “Puxa, bicho, eu não tenho nenhum choro! Meu, não. Eu não tenho nada” (GALEANO, 2015, p. 3-4).

Embora nunca tenha se aventurado no ofício de compositor, Baloi prontamente encontrou uma maneira de participar do festival, recorrendo ao amigo e vizinho João Dias Carrasqueira ⁷. Em visita ao flautista, Galeano selecionou três peças do gênero musical choro para poder participar da disputa:

Aí eu fui lá e ele tocou. E eu fui pegando e arranhando e tal, fui fazendo harmonização em cima do choro. E aí eu trouxe o choro gravado, eu tinha um gravador. E peguei a harmonização dos choros que eu queria, né? Três choros. Então eu escolhi o *Choro triste*, o choro *Flanando* e o choro *Dia Feliz*, sabe? Eu gostava muito do *Flanando*... E eu peguei com o grupo e começamos a ensaiar o *Choro triste* e os três choros, né? Aí deixamos tudo certinho, tudo... (GALEANO, 2015, p. 5).

Lançada pelo título de *Chorinho triste*, com arranjo especial do violonista, muito hábil na arte da harmonização proveniente da prática de tocar de ouvido nos regionais, a obra de João Dias Carrasqueira conquistou o terceiro lugar do festival ⁸, atrás de *Músicos e poetas*, de Sivuca e da campeã *Ansiedade*, de Rossini Ferreira. A peça é tão estimada por Baloi a ponto de a sua execução ser quase que obrigatória nas rodas de Choro em que o violonista participa.



SÃO ESTAS AS 12 FINALISTAS DO I FESTIVAL NACIONAL DO CHORO:

MÚSICA/AUTOR	INTÉRPRETE
MEU PENSAMENTO (Jessé Silva)	Lenha da Casa (solo de flauta-Plauto Cruz)
CHORO DO TIÃO (Jonas Borges)	Jonas e seu Regional
ESPÍRITO INFANTIL (Maurício M. de Carvalho)	A Cor do Som
HOMENAGEM AO ÉPOCA DE OURO (José Luis de Jesus)	Os Ingênuos
PÓ DE MICO (Alexandre Dantas do Amaral)	Grupo Banzo
GUARANI (Carminio Pedro Romano)	Trio D'Angelo
ANSIEDADE (Rossini Ferreira)	Conj. Amigos do Choro e Rossini (solo de bandolim)
CHORINHO TRISTE (João D. Carrasqueira)	Conj. Bachorando e João D. Carrasqueira (solo de flauta)
CHORO CROMÁTICO (Benjamin Silva Araújo)	Hamilton Godoy
CHORA CRAVIOLA (Vivaldo Medeiros)	Medeiros Júnior e seu Regional
MÚSICOS E POETAS (Sivuca)	Sivuca, Evandro e seu Regional
BAUBÚ (José Rubens Lopes)	Zé Rubens e Grupo

Apresentação: Fausto Canova

Show especial

com Chico Buarque e Francis Hime. Participação de: Altamiro Carmilho e Evandro e seu Regional

O JURI:
 Presidente - Marcus Pereira,
 Membros - Mozart de Araújo, Guerra Peixe, Horondino Silva, Tárík de Souza, Maurício Kubrusly, Roberto Menescal, Cláudio Petraglia, Sérgio Cabral, J. Ramos Tinhorão, Lúcio Rangel.

Premios

1.º lugar - Cr\$ 80.000,00
2.º lugar - Cr\$ 50.000,00
3.º lugar - Cr\$ 40.000,00
4.º lugar - Cr\$ 30.000,00
5.º lugar - Cr\$ 20.000,00

Figura 3: Prospecto do 1º Festival Nacional do Choro “Brasileirinho”, relacionando as doze músicas finalistas e seus respectivos compositores e intérpretes, além do corpo de jurados e valores dos prêmios (VALENTE, 2014, p. 82).

Presidido por Marcus Pereira, dono da gravadora homônima, o corpo de jurados do *I Festival Nacional do Choro “Brasileirinho”* contou com importantes músicos, jornalistas, críticos musicais e pesquisadores, expoentes da música popular à época. Foram eles: Mozart de Araújo, Guerra-Peixe, Horondino Silva (Dino 7 Cordas), Tárík de Souza, Maurício Kubrusly, Roberto Menescal, Cláudio Petraglia, Sérgio Cabral, José Ramos Tinhorão e Lúcio Rangel.

Ao penetrar no mundo dos entretenimentos de massa, o Choro atingiu índices jamais alcançados anteriormente. Para se ter uma ideia, o LP contendo as doze músicas finalistas (Figura 4), selecionadas dentre cerca de 1.200 músicas inscritas inicialmente, vendeu 7.000 cópias em apenas dois meses (VALENTE, 2014, p. 81).



Figura 4: Capa do LP do “Brasileirinho”, lançado pelo selo Clack da gravadora Bandeirante Discos a partir da gravação ao vivo dos doze choros finalistas do Festival; e capa dos LPs “Chôro Novo” (discos 1 e 2), lançados pela gravadora Discos Marcus Pereira, contendo a gravação ao vivo das vinte e quatro músicas classificadas para as semi-finais⁹.

Não é por acaso que Baloi recorda-se com tanto entusiasmo desta passagem em sua trajetória. O *I Festival Nacional de Choro* transformou-se em um marco histórico em sua vida musical, passando-o do status de músico amador para músico profissional ao tornar o seu trabalho conhecido e aumentar consideravelmente a sua carga horária enquanto músico. Baloi comenta com euforia a repercussão do festival:

Puxa vida! Foi incrível! O Brasil inteiro vendo o programa, né? O Brasil inteiro, porque foi muito divulgado! E foi ali que a gente “shhhh” [gesticula a decolagem de um avião] levantou e aí, sim! Aí pegou fogo e nós começamos a trabalhar, mas trabalhar mesmo! O grupo Bachorando, sabe? Era chamado para tocar em um monte de lugar. Era televisão... Então, a gente tocava de segunda a domingo. Todo dia a gente tocava, todo dia! [...] Então a gente viajava muito, sabe? No SESC a gente passou a tocar toda terça-feira, na choperia, na Pompeia. Toda terça-feira era o grupo Bachorando. Foi durante bastante tempo que a gente ficou lá... Aí a gente tocava na televisão... Muita televisão chamava a gente, rádio... Aí foi divulgando, sabe? Foi divulgando e nós fomos subindo... Aí nós começamos a apanhar todo aquele pessoal que vinha do Rio, era o grupo Bachorando que acompanhava, né? Altamiro, o Waldir Azevedo, todo mundo. Vinham os cantores do Rio, tudo era a gente que fazia, sabe? Aqueles cantores que vinham do Rio... Moreira da Silva, Nelson Cavaquinho, Clementina de Jesus... Todo esse pessoal era a gente que fazia! Zé Ketti... Então todo esse pessoal, os artistas lá do Rio quando vinham pra São Paulo, sabe? (GALEANO, 2015, p. 7-8).

A expressiva ascensão do conjunto Bachorando por consequência do Festival foi comprovada por nós em consulta à Hemeroteca Digital do Jornal Folha de São Paulo (2021): dos 79 resultados encontrados na busca por esta palavra-chave, apenas 5 compreendem um

período cronológico anterior ao evento (sendo a ocorrência mais antiga de 20/06/1977); 70 ocorrências abrangem o período de 27/11/1977 a 24/09/1984 e há, ainda, 4 ocorrências datando os anos de 2001 e 2002.

Dentre os locais paulistanos frequentados pelo conjunto, há registros de apresentações em espaços públicos e privados (Fig. 5), tais como o Parque da Lapa, a Biblioteca Mário de Andrade, o Largo São Francisco, a Praça Roosevelt, a Sala Guiomar Novaes, os teatros Bandeirantes, Municipal, Martins Penna, Popular do Sesi, João Caetano e Paulo Eiró, a Sociedade Amigos de Vila Ipojuca (R. Toneleros, 612), o Café Requite (R. Abílio Soares, 249), o Bar Cabriolé (R. Martins Fontes, 238), o Café Paris (Av. Waldemar Ferreira, 141), o Bar Saudosa Maloca (Av. Henrique Schaumann, 507), o bar Cavalgada (Santo Amaro), o bar Amigos (Jardins), a Choperia do Sesc Pompéia, o Sesc Carmo, a Rua do Choro e a Praça do Choro. Há, ainda, registros da participação do Bachorando em eventos tais como na “Festa Julina” do Clube do Choro (1978), no sorteio da Loto na Praça da Sé (1980), no Festival de Verão do Guarujá (1982) e na inauguração da estação Anhangabaú do metrô (1983).

Dentre os artistas acompanhados pelo conjunto de Baloi, encontramos registros de nomes como Demônios da Garoa, Geraldo Filme, Altamiro Carrilho, Osvaldinho da Cuíca, Clementina de Jesus, Germano Mathias, Ciro Aguiar, Moreira da Silva, Nelson Cavaquinho, Makalé, Zé Ketí, Eduardo Gudin, Carlos Poyares, Silvio Santisteban e banda Proveta e família.

Chorinho às sextas na Vila Ipojuca

A partir de hoje, às 21 horas, e todas as sextas-feiras no mesmo horário, a Sociedade Amigos de Vila Ipojuca (rua Toneleros, 612) promoverá, naquele endereço uma apresentação de chorinho, a cargo do conjunto **Bachorando** e do Clube do Choro. Amigos do chorinho e demais músicos estão sendo convidados a participar das apresentações que visam incentivar os artistas do bairro na divulgação da música popular brasileira. **A entrada é franca**

Shows

FESTA NA PRACA — No Parque da Lapa, a partir das 10 horas, será realizada uma festa popular com a participação de vários artistas e conjuntos, entre eles o **Bachorando**, o Jacena da Vila Jaguara, violeiros de Perus, Forró de Zezinho de Piratuba, Banda Operária da Lapa e a participação do cantor e compositor Valdir Fonseca. O endereço é rua Gauturus, em frente ao Shopping Center da Lapa, próximo ao Mercado Municipal. A festa é gratuita.

BACHORANDO — O conjunto de choro formado por Francisco (flauta), Wilson (bandoim), Nelson (violão de sete cordas), Antonio (cavaquinho), Luiz Carlos (violão) e Gentil (pandeiro) estará se apresentando hoje, às 18h30, no saguão do Teatro Municipal. Entre as músicas, composições de Jacó do Bandolim, Ernesto Nazareth, Pixinguinha e Sivuca. **Entrada franca.**

SHOW MATINAL — Clementina de Jesus e o Conjunto **Bachorando** estarão mostrando composições de Pixinguinha, Jacob do Bandolim, Caetano Veloso e Cartola, entre outros, às 10h30, no **Teatro Popular do Sesi** (av. Paulista, 1313). **Entrada franca.**

Moreira da Silva, que fez 80 anos na semana passada, fará um show para comemorar a data no circo Malmesquer, na praça Roosevelt, sexta, sábado e domingo, às 21 horas. Mesmo com esta idade, o Kid Morengueira está em grande forma. Alguns de seus seguidores no samba-de-brega estarão também no espetáculo: **Makalé, Germano Matias e Ciro Aguiar**. E também gente de outros tipos de samba, como **Zé Ketí e Eduardo Gudin**. Os acompanhamentos serão feitos pelo **Grupo Bachorando**.

30 de março de 1983 — ILUSTRADA — 32

SESC FÁBRICA DA POMPEIA
RUA CLELIA N.º 90 — TEL. 861-8541

PROGRAMAÇÃO

Na Choperia, às 21:00hs, todas as noites música ao vivo: 4a. feira, MPB; 5a. feira, o grupo **Bachorando**; 6a. feira Sion Moreno.

No Teatro, de 4a. à sábado, às 21:00hs, “A Farra da Terra”, com o grupo Asdrubal Trouxe o Trombone”.

Atividade Especial: sexta-feira às 15:00hs os repentistas João Quindiges e Carilano Sergio e às 17:00hs Torneio de Truco.

Nos Bares da Vida

“MEMÓRIA DOS BARES PAULISTANOS”
NO SESC/CARMO
Rua do Carmo, nº 147

HOJE 19h30m
EXPOSIÇÕES
CONVERSA DE BOTEQUIM
SHOW COM SINCRO-JAZZ
BACHORANDO ZIMBO - TRIO
ENTRADA FRANCA

Figura 5: Alguns registros de apresentações do conjunto Bachorando encontrados em pesquisa na Hemeroteca Digital do Jornal Folha de São Paulo: 24 de fevereiro de 1978, 20 de maio de 1979, 04 de fevereiro de 1980, 26 de abril de 1981, 12 de abril de 1982, 30 de março de 1983 e 24 de setembro de 1984 (FOLHA DE S. PAULO, 2021, grifos nossos).

Apesar desta grande ascensão em sua carreira musical, Baloi deixou de depender profissionalmente da música pouco antes de completar cinquenta anos:

A música é mais *hobby* agora, né? Eu deixei de trabalhar profissionalmente com música em oitenta e seis. Em oitenta e seis eu parei porque não dava mais para conciliar as duas coisas, sabe? Noitadas e tal, depois tem que trabalhar também, então eu deixei para lá a música. Eu tocava no Flávio Cavalcanti.¹⁰ Quando ele morreu, eu falei: não toco mais. Não sou mais profissional, vou viver só de *hobby*. A música para mim é *hobby* (GALEANO, 2015, p. 2).

4. Considerações finais

Segundo Ecléa Bosi, “durante a velhice deveríamos estar ainda engajados em causas que nos transcendem, que não envelhecem, e que dão significado a nossos gestos quotidianos. Talvez seja esse um remédio contra os danos do tempo” (BOSI, 1987 [1973], p. 38). Baloi certamente vale-se deste pensamento, e acreditamos que o fato de não ter havido uma efetiva degradação senil provavelmente se explique porque mesmo na sociedade capitalista, não existe músico aposentado. O velho pode, evidentemente, se aposentar de uma orquestra, de um programa de rádio ou mesmo de um grupo de câmara. Mas, apesar da diminuição de atividades motoras e cognitivas, ele dificilmente será completamente privado de seu ofício. Sobretudo no ambiente do Choro, onde a constante execução de um repertório extenso, tocado inteiramente de cor, faz da figura do velho músico um ser diferente dos demais, uma vez que a memória é extremamente exercitada durante toda a vida do indivíduo.

O entrosamento com os mais jovens é também facilitado pelo comportamento tradicionalista e conservador frequentemente observado nos membros desta comunidade, em que indivíduos costumam colecionar objetos afetivos, tais como instrumentos musicais, discos de vinil, CDs, partituras e toda e qualquer relíquia que remeta a seus mestres. Trata-se de um grupo que, em sua grande maioria, se interessa pela própria memória.

Essa busca constante pela preservação da memória do Choro faz com que o repertório se perpetue. Nesse sentido, podemos entender diversas obras musicais enquanto objetos culturais, considerando que “um objeto é cultural na medida em que pode durar; sua durabilidade é o contrário mesmo da funcionalidade, que é a qualidade que faz com que ele novamente desapareça do mundo fenomênico ao ser usado e consumido” (ARENDRT, 1968 [1954], p. 260). E como elo entre o passado e o presente, Baloi se orgulha em poder fazer parte deste processo:

E eu fico contente, porque o *Arabiando* está aí por minha causa, quer dizer, eu que pus vida no choro, né? Hoje em dia todo mundo toca o *Arabiando*, né? Gente de fora também. Eu vi orquestra tocando *Arabiando*, né? E eu fico contente de saber que eu; foi por minha causa que esse choro está aí, que eu dei vida pra esse choro...¹¹ Que nem o *Choro triste* do Carrasqueira, né? (GALEANO, 2015, p. 14).

O entrevistado guardou informações bastante vívidas e pouco distorcidas de aspectos importantes do evento ocorrido trinta e oito anos antes da entrevista, tais como os valores das premiações, os músicos participantes e suas respectivas obras, além de ter selecionado, dentre os jurados, os nomes mais significativos para ele, tais como o grande mestre de seu instrumento, Dino Sete Cordas. Inconscientemente, Baloi escolheu o que deveria perpetuar na história de sua vida.¹²

Após verificação de algumas fontes primárias, constatamos ínfimas “distorções” na memória do entrevistado, as quais registramos aqui somente a título de curiosidade. Baloi afirmou que Radamés Gnattali, grande músico, arranjador e compositor, teria integrado o corpo de jurados. No entanto, Radamés não integrou o júri nem do primeiro festival, tampouco do segundo, tendo o compositor se inscrito em ambos os festivais, com três choros diferentes em cada um e que não foram, todavia, classificados (CAZES, 2005 [1998], p. 163). Outro lapso levou-o a crer que uma de suas músicas prediletas do João Dias Carrasqueira, *Flautosofia*, teria entrado para o segundo festival. Na verdade, o choro de autoria de Carrasqueira classificado foi o *Saltitante*, conforme pudemos verificar no LP da terceira eliminatória do segundo festival. Após a ascensão do conjunto Bachorando, este passou a se apresentar em 1983 às quintas-feiras na Choperia do Sesc Pompéia e não às terças, como mencionado pelo violonista. A verdade é assim mesmo: falha e hesitante.

Aos oitenta e três anos de idade, Baloi jamais demonstrou-se oprimido pela velhice ou pela dependência social. Ele não é aposentado, mora com a esposa na mesma residência em que nasceu e viveu e tem vida social ativa. Passando do papel de ouvinte para o de narradora, acrescentamos aspectos que pudemos reparar em cerca de dez anos de convivência com ele em rodas de Choro e atividades afins. Sempre de bom humor, Baloi costuma ser um dos primeiros a chegar aos encontros musicais e um dos últimos a ir embora. Com ele não tem tempo ruim: independente, Baloi locomove-se com o seu carro até os endereços mais longínquos. Muito queridos por todos e sobretudo ovacionado pelos mais jovens, com ele o conflito de gerações é atenuado: Baloi possui *smartphone*, *Whatsapp* e *Facebook*.

Entusiasta e com uma visão romântica, Baloi sempre acaba dando um jeito de falar de seus discípulos com muito orgulho. Wilsinho, Aleh Ferreira, Milton Mori, Danilo Brito (Figuras 6a e 6b) e tantos outros devem muito a ele e frequentemente exteriorizam seus sentimentos de respeito e admiração.¹³ Certamente reside aí mais um motivo de tamanha jovialidade: Baloi continua a ensinar aquilo que aprendera durante toda sua vida.



Figura 6a: Primeira apresentação do jovem bandolinista Danilo Brito (1998), acompanhado por Gentil (pandeiro), Marco Bailão (violão), Baloi (violão 7 cordas) e Toninho Batateiro (cavaquinho). (Material cedido pelo entrevistado). **Figura 6b:** Recente homenagem prestada a Baloi, que, como convidado especial, executou o *Chorinho triste* em show do bandolinista Danilo Brito promovido pelo Clube do Choro de São Paulo e realizado no Teatro Arthur Azevedo em 4 de setembro de 2015 (Foto: Kika Fragatte).

Referências

- AMARAL JÚNIOR, José de Almeida. *Chorando na garoa: memórias musicais de São Paulo*. São Paulo: Fundação Theatro Municipal de São Paulo, 2013.
- AMARAL JÚNIOR, José de Almeida. *Conjunto Atlântico: uma história de amor ao Choro*. São Paulo: Edição do autor, 2017.
- ARENDDT, Hanna. A crise da cultura. In: ARENDT, Hanna. *Entre o passado e o futuro*. 3. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1968 [1954]. Cap. 6, p. 248-281.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembrança de velhos*. 2. ed. Queirós: EDUSP, 1987 [1973].
- CAZES, Henrique. *Choro: do quintal ao Municipal*. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2005 [1998].
- FOLHA DE S. PAULO. *Acervo Folha*. Hemeroteca Digital. 2021. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/>. Acessos diversos entre abr. e jun. 2021.
- GALEANO, Nelson. *Entrevista cedida a Cibele Palopoli*. São Paulo, 2. nov. 2015. Formato texto. 22 páginas. Não publicada.
- KFOURI, Maria Luiza. *Discos do Brasil: uma discografia brasileira*. 2020. Disponível em: <http://www.discosdobrasil.com.br/>. Acesso em: 21 jun. 2021.
- OAB. *Valores do salário mínimo nacional desde sua instituição até o dia de hoje*. 03 mar. 2008. Disponível em: <https://www.oabsp.org.br/subs/saoluizdoparaitinga/noticias/valores-do-salario-minimo-nacional-desde-sua>. Acesso em: 21 jun. 2021.
- PALOPOLI, Cibele. *Violão velho, Choro novo: processos composicionais de Zé Barbeiro*. 2018. 262 f. Tese (Doutorado em Música) – Escola de Comunicações e Artes, USP, São Paulo, 2018.
- PINTO, Alexandre Gonçalves. *O Choro: reminiscências dos chorões antigos*. Rio de Janeiro: Funarte, 1978 [1936].
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos históricos*. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

ROSA, Luciana Fernandes. Etnografia da roda de choro do Instituto Casa da Cidade. *Revista Orfeu*, Florianópolis, v. 4, n. 1, p. 27-48, 2019.

SOUSA, Miranda B. T. R. N. *O Clube do Choro de São Paulo: arquivo e memória da música popular na década de 1970*. 2009. 255 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Instituto de Artes, UNESP, São Paulo, 2009.

VALENTE, Paula Veneziano. *Transformações do choro no século XXI: estruturas, performances e improvisação*. São Paulo, 2014. 343 f. Tese (Doutorado em Música) – Escola de Comunicações e Artes, USP, São Paulo, 2014.

VALENTE, Roberta. Baloi. In: NEGRO, Maurício (Org.). *Brasil toca choro*. Fundação Padre Anchieta. São Paulo: Cultura, 2019, p. 28-29.

Notas

¹ No artigo citado, a autora desta comunicação, também participante da roda analisada, foi equivocadamente identificada por “Cláudia”.

² Nelson Galeano concedeu-nos a entrevista em sua residência, no bairro da Lapa em São Paulo, no dia 2 de novembro de 2015. Apesar do feriado de finados, o músico não hesitou em nos acolher, tampouco deixou de trabalhar neste dia, recebendo-nos no final da tarde, mais precisamente, às 17h30. Antes da entrevista, sua esposa Creusa serviu-nos gentilmente um pedaço de bolo e um café. O propósito da visita havia sido explicado previamente com clareza.

³ As lendárias rodas de Choro promovidas por Antônio D’Áurea em sua casa, na avenida Rudge, em São Paulo, eram largamente conhecidas e frequentadas por renomados chorões de diversas partes do Brasil quando em passagem pela cidade, tais como Jacob do Bandolim, Pixinguinha, Altamiro Carrilho etc.

⁴ Posteriormente, informou-nos Galeano que uma segunda formação do conjunto foi integrada por Niquinho (cavaquinho), Baloi (violão), Lázaro (violão sete cordas) e Gentil (pandeiro) (GALEANO, 2015).

⁵ Amélia Brandão Nery (1897-1983), pianista e compositora.

⁶ Para termos uma noção do valor destas quantias, o salário-mínimo à época, em maio de 1977, era de Cr\$1.106,40 (OAB, 2008).

⁷ João Dias Carrasqueira (1908-2000), flautista, professor e compositor, conhecido como *Canarinho da Lapa*.

⁸ Segundo relatou-nos Baloi, o prêmio conquistado no valor de 40 mil cruzeiros foi compartilhado, ficando o compositor com a metade do total e dividindo entre os músicos participantes o montante restante.

⁹ São elas: DISCO 1: *Ivair* (Pedro Ferragutti), *Tardio* (Eduardo W. R. Lima), *Revelação* (José Festa), *Homenagem a Jacob* (Moacyr Cardoso), *Provocante* (Plauto Cruz), *Subúrbio* (João Alves de Melo), *São Paulo no Chôro* (Dario da Silva), *Meus bons tempos* (Gilberto Alves de Souza), *Homenagem* (Alexandre Bernardo), *Meu cantinho* (Joel Freire), *Cláudia* (Alfredo Ferreira), e *Chorinho para um rei* (Tia Mariinha). DISCO 2: *Pão com manteiga* (João Silva), *Conversando com o Poti* (Flávio B. F. de Araújo), *Soluçando* (Anuar Kraide), *Chorinho para Vera* (Clio Paulo Mello), *Não faça conta, rapaz* (Ricardo Thomaz), *Cem anos de Choro* (Capiba), *Na casa do Teco* (Dadinho, José de Barros, Luizinho), *Um cavaquinho em serenata* (Gentil Benedito da Silva), *Soneca* (Inah M. Sandoval), *Simplificando* (Rubens Adolfo), *Cordinhas de nó* (Clodoaldo Brito) e *Guarú* (Antonio N. Brito e Adalto Rodrigues).

¹⁰ Durante a década de 1970, o jornalista Flávio Cavalcanti (1923-1986) apresentava aos domingos, às 18h, o *Programa Flávio Cavalcanti*, líder de audiência da TV Tupi (antigo canal 4).

¹¹ Nesta passagem, Baloi referia-se ao II Festival Nacional do Choro “Carinhoso” (1978), em que o músico incentivou o compositor e amigo Esmeraldino Salles a concorrer com o choro *Arabiando*, que acabou conquistando o terceiro lugar, sendo uma obra frequentemente executada até os dias atuais.

¹² Segundo Michael Pollak, a memória é seletiva, é um fenômeno construído, auxiliar na formação do sentimento de identidade individual e coletiva, sendo memória e identidade valores disputados em conflitos sociais. Para o autor, “entre o ‘falso’ e o ‘verdadeiro’, entre aquilo que o relato tem de mais solidificado e de mais variável, podemos encontrar aquilo que é mais importante para a pessoa” (POLLAK, 1992, p. 209).

¹³ Como, por exemplo, na composição de Milton Mori, *Obrigado Baloy*, gravada em 2000 no CD *Primeira Classe*, do Grupo Nosso Choro (KFOURI, 2020), ou, ainda, na participação do violonista no *show* de Danilo Brito (Fig. 6b).